

O ATO COEXISTENCIAL DO AMOR E OTIMISMO TRÁGICO NA VELHICE: ANÁLISE CINEMATOGRAFICA DE UMA ANIMAÇÃO À LUZ DA LOGOTERAPIA

Allany Kaline Nascimento Gomes ¹
Gabriela Stéfany Alves de Lima ²
Elaine Custódio Rodrigues Gusmão ³

RESUMO

Com o intuito de discorrer sobre as repercussões do encontro amoroso e do otimismo trágico na percepção e promoção do sentido da vida na velhice, foi realizada uma análise fílmica da animação americana “*Up - Altas Aventuras*” (2009) dirigida por Pete Docter e Bob Peterson, bem como um levantamento bibliográfico de obras da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Deste modo, mesmo diante dos declínios das capacidades físicas, das perdas e da proximidade com a finitude, o longa metragem retrata que é possível encontrar sentido e sentir-se realizado na velhice, por meio do valor experiencial do ato coexistencial do amor e do valor atitudinal do otimismo trágico. Para tanto, é imprescindível que a pessoa idosa busque olhar para o passado, tecendo significados às suas vivências, dizendo sim a existência apesar da tríade trágica sofrimento, culpa e morte, como também atribuindo à sua vida novas expectativas, novos valores, objetivos e sentidos a cumprir.

Palavras-chave: Envelhecimento; Sentido; Amor; Logoterapia e Análise Existencial.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento geralmente é marcado por mudanças, perdas e pela aproximação da finitude. Entretanto, o mesmo não necessariamente precisa ser associado a doença, solidão e/ou inatividade, pois é atravessado por vários fatores e vivenciado de maneira única e singular. Sendo assim, Lima, Silva & Galhardoni (2008) elucidam que ao falarmos de envelhecimento saudável, é imprescindível a reflexão acerca da intersecção de múltiplos fatores, dentre eles: a saúde física e mental, a autonomia na vida diária, a integração social, o suporte familiar, a independência econômica, entre outros. Além disso, Espíndula & Ferreira (2017) ressaltam os aspectos existenciais que permeiam o envelhecimento bem-sucedido, afirmando que o mesmo não se revela como um evento ao acaso ou como um

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, allanykaline@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal Federal de Campina Grande - UFCG, gabrielasalveslima@hotmail.com;

³ Professor orientador: Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal Federal de Campina Grande - UFCG, lainecripsi@hotmail.com;

privilégio, mas sim como propósito a ser alcançado por quem decide e age em favor disso, lidando com as modificações que acompanham o envelhecer.

Dentre as diversas formas de abordar a velhice, a teoria da Logoterapia e Análise Existencial traz contribuições relevantes sobre o assunto, no que diz respeito as multifacetadas de sentidos atribuídos a este processo. A teoria de Frankl (2008) denomina três formas de atribuir significado à vida, que se dá por meio dos valores criativos, experienciais e atitudinais. É importante destacar que para encontramos sentido não precisa necessariamente vivenciar todos os valores, mas algum deles. Desta forma, focaremos neste estudo o valor experiencial do amor, que foi o mais perceptível dentre o tema abordado.

Dessarte, o amor conforme Frankl (1975), é visto como um fenômeno antropológico no primeiro plano, ou seja, é uma das condições primárias do existir. O amor constitui um dos aspectos no qual ele designou como a “autotranscendência da existência humana”, em que ele salienta que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como um sistema fechado. Assim, a autotranscendência tem um extraordinário valor, pois “é a faculdade de ir além de nós mesmos, em direção a outras pessoas para amar ou causas pelas quais lutar”. (FABRY, 1990, p. 19).

Além disso, a Logoterapia elucida que o envelhecimento vai além de vivências tediosas e desagradáveis, visão que culturalmente é atribuída a esta fase, de modo que é possível enxergar possibilidades saudáveis e agregar sentidos ao dia-a-dia e à vida. Desta forma,

“a pessoa idosa precisa acreditar em si própria, e assumir as alterações inerentes ao processo de envelhecimento, aceitando as perdas, mas percebendo-se com possibilidades de desenvolver novos interesses e oportunidades de continuar aprendendo e experimentando situações novas.” (ESPÍNDULA & FERREIRA, 2017, p. 47).

Sendo assim, podemos dispor, como exemplo, o relembrar fatos da história da pessoa envelhecida, que pode se revelar como um contribuinte em potencial para continuar agregando significados à vida, ao passo que também pode servir para auxiliar o próximo, pois em conformidade com Lukas (1992), o tesouro que a velhice traz consigo em conteúdos já realizados é indestrutível, ou seja, é eterno. Além disso, o investimento na dimensão noética/espiritual e nos valores de experiência, como o amor.

Considerando as discussões sobre o tema velhice e seus respectivos desdobramentos, propomos neste artigo realizar uma análise do filme “*Up - Altas Aventuras*” (2009) à luz da teoria da Logoterapia Análise Existencial, dando ênfase à relação construída pelos

protagonistas Carl Fredricksen e Ellie, aos sonhos e sentidos investidos da infância à velhice e as percepções sobre suas frustrações e sofrimentos (perdas e luto).

Por fim, será abordado como o filme aponta questões relativas ao que concerne à importância do sentimento amor, a preservação da dimensão noética/espiritual de Carl e a promoção de sentido atribuída na velhice, com o investimento nos valores criativos, experienciais e atitudinais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma análise fílmica da animação americana “*Up - Altas Aventuras*” (2009), da Disney Pixar, dirigida por Pete Docter e Bob Peterson, com 1h 35 minutos de duração. De acordo com Vanoye (1994), a análise de um filme possui dois elementos fundamentais, sendo estes a descrição, na qual se desconstrói materiais que geralmente não são percebidos isoladamente a olho “nu”, e a interpretação, processo de estabelecimento de elos e associações entre os elementos. Nesse procedimento, o analisador ativo examina tecnicamente, submete o filme a suas hipóteses e instrumentos de análise, exercita o distanciamento e compreende o processo como sendo do campo reflexivo e da produção intelectual.

Por conseguinte, para subsidiar o desenvolvimento da interpretação, foi realizado um levantamento bibliográfico de obras da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Para tanto, foram consultados livros clássicos da área e artigos da *Revista Logos & Existência*, deste modo, os estudos foram selecionados de acordo com a temática a ser problematizada, a saber: as repercussões do encontro amoroso e do otimismo trágico na percepção e promoção do sentido da vida na velhice.

REFERENCIAL TEÓRICO

O envelhecimento e as contribuições da Logoterapia e Análise Existencial

De acordo com a visão antropológica da Logoterapia e Análise Existencial, a pessoa humana possui a liberdade de escolha e deve assumir uma postura responsável diante das repercussões das mesmas. “O ser humano não é uma coisa entre outras; coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, se determina a si mesmo. Aquilo que ele

se torna - dentro dos limites dos seus dons e do meio ambiente - é ele que faz de si mesmo.” (FRANKL, 2008). Diante disso, a pessoa idosa depende primordialmente de decisões e posicionamentos que adota subjetivamente diante desse ciclo da vida.

Do ponto de vista psicológico logoterapêutico, é possível evidenciar que o idoso pode passar por três fases, sendo estas denominadas por Lukas (1992) como: o olhar para trás, a tarefa presente e o olhar para a frente. No *Olhar para trás* o homem põe em evidência sua historicidade, o qual remete-se ao que foi experienciado, seja vivências felizes ou tristes, seja momentos valorizados ou com oportunidades perdidas. No olhar para trás encontramos nossas lembranças, tudo aquilo que só existe e é compreendido, porque existimos, assim como o amor. Na *Tarefa presente* há o crescimento da pessoa diante das tarefas desempenhadas. No entanto, é uma via de mão dupla, pois a pessoa não apenas cresce com as tarefas, mas também pode se diminuir com a perda delas. Por isso torna-se fundamental que, em cada fase da vida, se institua tarefas adequadas à própria situação e às próprias forças.

Por fim, no *Olhar para frente* o idoso deve variar seu foco, não atentando apenas para o passado e o presente, mas também para futuro que está por vir, mesmo que este futuro remeta-se a dias limitados, semanas, meses ou anos, pois ele tem diante de si a saída do tempo e a entrada da intemporalidade, independente de como seja imaginada. Desta maneira, “a velhice não deve impedir ninguém de olhar para o futuro ou de planejar. Mesmo que o futuro não venha mais a realizar-se, o fato de olhar para ele e de planejá-lo foi uma experiência bonita, uma vivência que valeu a pena ser vivida.” (LUKAS, 1992, p. 180).

A pessoa idosa pode olhar para trás e focar no que teve êxito, tecer significados e buscar uma vida plena, como também, atribuir à sua vida novas expectativas, novos valores, objetivos e sentidos a cumprir. Dessa forma, Frankl (2008) salienta que é possível encontrar sentido através dos valores criativos (criando um trabalho ou praticando um ato), experienciais (experimentando algo ou encontrando alguém) e atitudinais (pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável). Em outras palavras, existe a capacidade de dar sentido à existência através do trabalho, dos estudos, das atividades do dia-a-dia e dos hobbies que se investe, assim como quando se vivencia a bondade, verdade, beleza das coisas e do amor; ou através das decisões que tomamos frente ao sofrimento.

Tais valores estão presentes na dimensão espiritual/noética compreendida por Frankl (2008), como a essência do ser humano, sendo a dimensão que difere os homens dos animais, ao modo que não adocece, se contextualizando como uma concepção antropológica e não religiosa. A dimensão noética diz respeito à vontade e liberdade do sujeito, sendo aquilo que

dá abertura para algo ou alguém, envolvendo interesses/intencionalidades, pensamento criativo, religiosidade, eticidade do sujeito e compreensão do valor, manifestando o sentido da vida, incluindo diante dela, a liberdade e responsabilidade do homem.

Na velhice, essa dimensão é de suma importância, pois é preservada com o tempo e perante as dificuldades, nela o sujeito mantém-se saudável, e portanto, continua investindo em sentidos, uma vez que esta dimensão não é enfraquecida perante os conflitos internos e externos. Conforme com Lukas (1992) o declínio psicofísico não necessita ser seguido pela diminuição das capacidades espirituais, visto que as capacidades espirituais e criativas dos indivíduos podem desenvolver-se até à mais avançada idade.

O amor como ato existencial e co-existencial

O amor caracteriza-se por algo puro e simples, de caráter insubstituível (ninguém poderá ocupar meu lugar). Para Frankl (2016) o amor é tido como um ato existencial, caracteristicamente humano. Para além disso, o amor é um ato co-existencial por excelência, por se tratar da relação entre dois seres humanos, que vivenciam condições de descobrir o outro em todo o seu caráter singular e irrepetível. Deste modo, Frank (2016) afirma que o amor se caracteriza pelo seu caráter de encontro, o qual trata-se de uma relação de pessoa para pessoa. “Quando ama, a pessoa humana, como ser tridimensional em sua totalidade física-psíquica-espiritual, pode apreender outra pessoa humana na mesma totalidade física-psíquica-espiritual, de certa maneira, de uma existência para outra existência.” (LUKAS, 1992, p. 124).

Entendendo que esse amor traz sentido, quando é verdadeiro/autêntico, podemos vivenciá-lo no que Frankl (2008) nomeia de valores de experiência, nos quais o sujeito foca nos momentos que podem dar sentido a sua vida, como no caso do amor verdadeiro, em que os sujeitos vão partilhar suas crenças, culturas, dores e à vida em sua totalidade, em prol desta vivência conjunta, aceitando as singularidades da outra pessoa. “Os valores de experiência referem-se às possibilidades da pessoa ser capaz de lembrar vivências únicas proveniente das relações interpessoais e da relação com o mundo, como por exemplo: o nascimento de um filho, dia do matrimônio.” (ESPÍNDULA & FERREIRA, 2017, p. 41).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “Up - Altas Aventuras” é possível observar o ato co-existencial do amor, entre os personagens Carl Fredricksen e Ellie, desde a infância até a vivência do envelhecer atrelada com a chegada da finitude da vida. No primeiro momento, o longa metragem retrata o sonho de criança de Fredricksen, que era de explorar o mundo e se aventurar. Entretanto, a história se modifica quando ele encontra Ellie.

“A aventura está lá fora”, gritava Ellie, que estava no seu “Clube de Exploradores”, quando Fredricksen, que andava pela rua, a escutou. Sendo assim, ele resolveu lançar-se para fora de si, permitir-se vivenciar os valores experienciais e foi ao encontro dela e do amor. Espíndula & Ferreira (2017) explanam que o sentido está no mundo e não na pessoa que o vivencia. Assim, podemos dar ênfase ao plano experiencial em que nos tornamos verdadeiramente humanos, no sentido de conectar-se com o outro, para além de nós mesmos, uma das formas que podemos preencher plenamente a vida, trata-se do sentimento do amor.

Ambos possuíam personalidades distintas, ela era animada e comunicativa, já ele era tímido e de poucas palavras, mas o espírito de aventura, o respeito e amor pela unicidade e singularidade do outro os unia. Segundo Frankl (2008) o amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade.

“Quem ama está tocado e voltado em sua profundidade espiritual para a pessoa no que ela possui de único e irrepetível. Quem ama não somente ama algo na “pessoa amada”, mas ama a própria pessoa; por tanto, não é algo que a pessoa amada “tenha”, mas precisamente o que a pessoa “é” (FRANKL, 1982, p. 134, apud LUKAS, 1992, p. 125).

Ellie inseriu Fredricksen no seu “Clube de Exploradores” e compartilhou com ele seu Livro de Aventuras, que ilustrava o sonho de morar na América do Sul, mais especificamente, no Paraíso das Cachoeiras e contava com páginas em branco destinadas as aventuras que ainda iria viver. Deste modo, ambos passaram a compartilhar sonhos, possibilidades e sentidos, em um movimento de sair de si, distanciando-se das ideias individualistas sobre o que quer ser e do que quer ter, entregando-se ao outro. Lukas (1992), baseada nas postulações de Frankl, afirma que o amor não é um meio para obter prazer com o fim de satisfazer uma necessidade própria, mas uma expressão de algo que supera muito a satisfação de uma necessidade, ou seja, um “ato coexistencial”.

Com o passar do tempo, ambos casaram e compraram uma casa antiga que precisava de reforma. Ambos empolgados seguem restaurando e arrumando a casa ainda com as vestes do casamento, buscando consertar desde a estrutura física até os detalhes da decoração. Após a reforma, a casa parecia com a idealizada na infância de Ellie, ilustrada no Livro de

Aventuras. O casal vivenciou juntos inúmeras aventuras no dia a dia, como piqueniques, observar o formato das nuvens, ler livros e acompanhar um ao outro no trabalho. Tais cenas elucidam que o amor autêntico é construção e enriquece a vida.

Além dos momentos de realização, houveram também experiências de sofrimento inevitável, a exemplo da perda de um bebê durante a gestação e alguns problemas de saúde. Ainda assim, em momentos de dor, ambos se apoiavam e buscavam se direcionar para algum sentido. Em um desses momentos árduos, Fredricksen lembrou do Livro de Aventuras de Ellie e reaviva o propósito de ambos residirem no Paraíso das Cachoeiras. Deste modo, Fredricksen e Ellie repetem o juramento feito na infância de cumprirem esse sentido de vida e passam a depositar moedas em um pote com o fim de irem ao destino tão almejado. Para Frankl (2008), o sofrimento é inevitável, por isso a partir do momento que a pessoa aceita essa condição, pode haver o encontro com o sentido, tornando os momentos trágicos ou negativos em triunfo.

Na velhice, com o declínio das capacidades físicas e problemas de saúde, o casal passou a dedicar o tempo e energia na manutenção do lar. Diante das contingências da vida, a viagem para o Paraíso das Cachoeiras era sempre adiada. Em um dado momento, Fredricksen resolve surpreender Ellie e compra passagens com a intenção de realizar esse sonho. Esse momento lembra o que afirma Lukas (1992), os estados corporais são passageiros, mas os atos espirituais sobrevivem de certa maneira a si próprios. Nesse período da vida

“as tarefas a cumprir-se esvaem aos poucos, o esquema rígido desafoga-se. Esta é uma chance para que desabroche a proverbial sabedoria da velhice, que não deve ser desperdiçada por novas vantagens artificiais nem pelas restrições da sociedade. Ou seja, é a chance de que agora se pode e se deve escutar com relativa calma aquilo para que se é chamado”. (LUKAS, 1992, p. 176).

Entretanto, antes mesmo que pudessem seguir viagem, sua amada adoece e é hospitalizada. Em seus últimos instantes de vida, Ellie recebe a visita de Fredricksen, que até o último momento buscou trazer ânimo, apoio e cuidado. Fredricksen perde sua esposa, mas ela deixa com ele o Livro de Aventuras que trás recordações das vivências experimentadas durante a vida. Em concordância com Lukas (1992), na morte, as possibilidades de sentido para o futuro são interrompidas abruptamente, mas apesar disso, os sentidos realizados no passado se mantêm mesmo em face da perecibilidade.

Após a morte de sua companheira, Fredricksen se apegava ao lar e as lembranças construídas com a amada - marca da infância na velhice. Entretanto, junto a isso passa a

vivenciar um processo de luto patológico, com excessivo isolamento e irritabilidade, algumas expressões de sintomas depressivos. Segundo Lukas (1992), o amor a outra pessoa sobrevive até mesmo à morte, deste modo, Fredricksen sofreu por alguém que foi única e insubstituível. Lukas (1992) também enfatiza que no luto o sujeito pode se manter com a pessoa falecida através da recordação amorosa, transcendendo os arranjos terrenos do espaço-tempo.

Sendo assim, Fredericksen se vê sozinho com seu pote de moedas, precisando lidar com uma possível ordem de despejo e encaminhamento para um asilo, além disso, se vê com um objetivo ainda não concluído, ir para a América do Sul, para o Paraíso das Cachoeiras. Segundo Lukas (1992), não é toda possibilidade de sentido que irá se realizar. Portanto, nada pesa tanto e por muito tempo na consciência como as possibilidades de sentido que deixamos passar. Assim, perdoar é uma das grandes viabilidades de sentido na velhice, e realizá-la é equivalente a reparar as próprias culpas (Lukas, 1992).

Devido às circunstâncias e orientado por um sentido não realizado, Carl consegue mover-se na velhice e literalmente voar, junto com sua casa em direção ao Paraíso das Cachoeiras, na companhia de Russel, um pequeno escoteiro que por insistência o acompanha nessa aventura. Apesar das contingências, a vida se revela como um reservatório inesgotável de sentido e manancial de formas de existência.

Tais vivências retratadas no longa-metragem vão ao encontro do conceito de otimismo trágico de Frankl (2011), uma vez que o ser humano diz sim a existência apesar da tríade trágica sofrimento, culpa e morte, transformando de forma criativa, experiencial ou atitudinal os problemas que surgem durante o curso da vida. O processo de vontade de sentido e o otimismo trágico impulsionado pelo amor à Ellie promoveu a Fredricksen um reencontro consigo mesmo, de modo que se auto distanciou do sofrimento do luto e se permitiu viver experiências desafiadoras, abrindo espaço para novas companhias, resgatando assim seu espírito aventureiro.

Durante a aventura, Fredricksen e Russel conhecem Munz, um explorador admirado por ele e Ellie desde a infância. Ambos se frustram com as intenções e posicionamentos do ídolo. Após isso, ao folhear o Livro das Aventuras de Ellie, Fredricksen percebe que sua amada compreendeu a riqueza de suas vivências e olhou para trás de forma grata. De acordo com Lukas (1992), evidencia-se que o movimento da pessoa idosa de olhar para trás concerne a percepção do que foi bem sucedido em sua vida, deste modo, o sujeito analisa o que foi de fato importante, de forma geral, lembra para que valeu a pena se ter vivido.

Deste modo, Ellie completou as páginas em branco do seu Livro com os momentos que viveu com Fredricksen, por mais simples que os mesmos parecessem, haviam se revelado como grandes aventuras apenas pelo fato de serem ao lado da pessoa amada. Ellie deixa um recado: “Obrigada pela aventura. Agora parta para a próxima.”, ilustrando assim que o amor é o propósito mais elevado que o ser humano pode desejar. Como afirma Souza e Gomes (2012), a plenitude da vida está no amor e se realiza através dele.

Após esses acontecimentos, torna-se notável para Fredricksen que a satisfação e realização não estavam na América do Sul no Paraíso das Cachoeiras nem tão pouco na casa onde viveu com Ellie, mas sim nas relações e nos laços construídos e cultivados em sua vida, ilustrados no filme por Ellie e Russel. Fredricksen encontra consolo quando percebe que foi enriquecido pelo encontro com a pessoa amada, mesmo que esse encontro tenha sido de duração limitada. Isso faz com que ele se libere e volte a viver, com novos objetivos e novos sonhos, na companhia de Russel. Daí a importância de abrir-se ao mundo, ao outro, as possibilidades e aos sentidos e se posicionar perante o sofrimento, tal movimento se revela como promotor de sentido e saúde na velhice.

Lukas (1992) elucida que os pacientes psiquicamente enfermos precisam readquirir algumas capacidades, dentre elas a capacidade de trabalhar e de sofrer, como também a capacidade de amar. Sendo assim, tais capacidades precisam ser preservadas, sendo imprescindível que se compreenda o que sustenta e faz crescer no homem a capacidade de amar.

É evidente que o homem que envelhece está sujeito a desintegração e a decadência em todas as dimensões do seu ser. Portanto, mesmo que o idoso não consiga fazer mais “nada”, que mal possa ter experiências próprias, uma coisa ele ainda pode: sorrir sobre os dias luminosos que teve e que nada e ninguém pode fazer com que deixem de ter acontecido (Lukas, 1992). À vista disso, é imprescindível a busca pelo afastamento interior da ingratidão do mundo, da exclusão percebida e experienciada em medida crescente na velhice, permanecendo com abertura a grata satisfação daquilo que jamais pode ser perdido nos memoriais do ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, foi possível perceber que mesmo diante dos declínios das capacidades físicas, das perdas e da proximidade com a finitude, o longa metragem retrata que é possível

encontrar sentido e realização na velhice através do valor experiencial do ato coexistencial do amor e do valor atitudinal do otimismo trágico. Para tanto, é imprescindível que a pessoa idosa busque olhar para o passado tecendo significados às suas vivências, se permitindo dizer sim a existência apesar da tríade trágica sofrimento, culpa e morte, além de atribuir à sua vida novas expectativas, novos valores, objetivos e sentidos a cumprir.

REFERÊNCIAS

ESPÍNDULA, J. A. G; FERREIRA, N. N. **Saúde e Sentido de Vida: as vivências do envelhecer.** Revista Logos & Existência - Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. v. 6, n.1, p.37-52, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/32130>>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

FABRY, J. B. (1930). **Aplicações práticas da logoterapia.** São Paulo : ECE, 1990.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia.** Zahar, RJ: 1975.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida.** 2016. ed. 6. São Paulo: Quadrante.

LIMA, A.M.M; SILVA, H.S; GALHARDONI, R. **Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras.** Interface - Comunic., Saúde, Educ. v.12, n.27, 795-807. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/v12n27/a10v1227.pdf>>. Acesso em: 29 de abril de 2020.

LUKAS, E. **Prevenção Psicológica.** Petrópolis: Vozes, 1992.

SOUZA, E. A; GOMES, E. S. **A Visão de Homem em Frankl.** Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v.1. p. 50-57, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/12630>>. Acesso em: 29 de abril de 2020.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A.. **Ensaio sobre a análise fílmica.** 2. ed. Paris: Papyrus Editora, 1992. 152 p. Tradução: Marina Appenzeller.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

UP - Altas Aventuras. Estados Unidos da América: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2009.